

## O outro para além do mar, na terra: a mobilidade de profissionais qualificados nos media

Emília Araújo e Filipe Ferreira\*

### Resumo

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a forma como os media lidam com o fenómeno da mobilidade de profissionais altamente qualificados, a partir de uma análise de conteúdo focada sobre jornais e revistas informativas.

**Palavras – Chave:** mobilidade; conhecimento, profissionais altamente qualificados; media

### Introdução

Esta comunicação tem como objetivo reflectir sobre a forma como os emigrantes portugueses altamente qualificados surgem apresentados e representados nos media.

Tal como propõem Brettell e Sargent (2006: 4) “migrants, in other words, occupy multiple subject positions, some of which they define for themselves and some of which are defined for them. On one hand, subjectivity involves making choices about identity as well as resisting those identities that are imposed by others and outsiders”. Os estudos sobre as identidades e a identidade nacional cruzam-se de diversas formas, com as intensidades, períodos e marcas dos processos migratórios. Rocha-Trindade escrevia em relação a Portugal, no início dos anos oitenta algo que nos demonstra o carácter estrutural das migrações na configuração da identidade nacional. A autora afirmava (1982:3) que “o fenómeno migratório apresenta uma dimensão gigantesca em relação a todos os indicadores que o caracterizam. No plano temporal estende-se quase sem descontinuidade desde a Descoberta e a Conquista, pela Descolonização, até às migrações de hoje”.

Se as migrações, nas suas formas, estratégias e modos de vida são fios condutores das identidades nacionais, indo ao ponto de permitirem perspetivar como um povo se reflete (se move, vive, se projecta, agrega e distancia) num contexto espacial e culturalmente distinto, é relevante perceber como os meios de comunicação social, como agentes socializadores, emitem, transportam e apresentam a imagem do emigrante, conferindo-lhe traços dessa identidade que pode ser assumida, desejada ou, inclusive, recusada. É ainda relevante entender como os discursos mediáticos se interpõem, ou sobrepõem relativamente aos discursos políticos, dos diversos quadrantes ideológicos, no que concerne aos significados que a mobilidade de profissionais qualificados traz para Portugal.

---

\* Emília Rodrigues Araújo é docente no departamento de Sociologia e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Portugal, [era@ics.uminho.pt](mailto:era@ics.uminho.pt)

Filipe Ferreira é estudante de mestrado de Sociologia do Desenvolvimento, Assistente de Investigação, Universidade do Minho, Portugal.

Esta comunicação tem ainda um carácter exploratório, pois a representação dos emigrantes nos media constitui uma problemática pouco estudada, particularmente ao nível das migrações altamente qualificadas. Deste modo, versa-se, de forma global, sobre três fontes de informação: o *jornal de notícias*, a *visão* (versão *online*) e o programa documental e jornalístico da RTP *portugueses pelo mundo*.

A comunicação divide-se em três pontos. No primeiro ponto centramo-nos na apresentação de alguns dados fundamentais para a compreensão do contexto histórico e concetual que inscreve a problemática da relação entre as migrações e as mobilidades de quadros qualificados e as orientações de política de emprego e de política científica e tecnológica num país. No segundo ponto focamos relação entre as práticas dos atores e a modelação dos seus desejos e expectativas e a influência dos discursos mediáticos e políticos (na sua retradução mediática) nessa formação de aspirações e de representações sobre a “necessidade”, importância ou impertinência de sair de Portugal. No terceiro ponto, debruçamo-nos sobre a articulação entre essa abordagem teórica e a informação que recolhemos nas fontes mencionadas acima.

## 1. Contexto histórico e conceptual

De forma muito sintética, sabemos a emigração portuguesa foi marcada ao longo do século XX pela ida de grandes contingentes para o Brasil, Venezuela e América do Norte, num primeiro momento e, depois, a partir dos anos setenta, em direção á Europa. Sabemos também que a emigração portuguesa se caracterizou ao longo de todo o século XX por ser marcadamente não qualificada e analfabeta. A extrema pobreza, por momentos ligada ao contexto da II Guerra e da guerra colonial, surgiu sempre na dianteira de qualquer outro motivo para a saída dos portugueses. Povo que, pelo menos no contexto europeu e norte-americano, ficou apegado a rótulos menos prestigiantes, normalmente frutos das ocupações profissionais e dos modos de vida que os caracterizaram nas diversas regiões para onde se foram concentrando. No global, a maioria dos emigrantes ingressava no mercado de trabalho nos países de receção na qualidade de trabalhadores por conta de outrem, designadamente na indústria e nos serviços domésticos.

No entender de Gonçalves e Machado (2007:66-68), há, pelo menos, oito motivos que devem ser considerados na explicação da saída de portugueses, mas todos eles desembocam na falta de condições objectivas de vida e na falta de perspectivas de vida: i) A procura de mão de obra por parte dos países da Europa Continental saídos do pós-guerra e em verdadeira fase de expansão económica; ii) O crescimento demográfico em resultado das políticas de contenção da emigração nos anos 30 e 40, marcados pela crise económica e pelos conflitos militares; iii) O nível de vida da maioria dos portugueses, inferior ao dos países mais desenvolvidos da Europa; iv) A proximidade geográfica e cultural dos novos países de acolhimento; v) A informação que chega acerca das oportunidades oferecidas no estrangeiro; vi) As redes de ligação existentes desde a Primeira Guerra Mundial; vii) O início da guerra colonial que, além de ter reforçado a tendência para a recusa de prestação do serviço militar, proporcionou maior abertura ao mundo; viii) A experiência de exploração de volfrâmio durante o período da Segunda Guerra Mundial, com reflexo no aumento do poder de compra.

A partir de meados dos anos 70, a emigração para a Alemanha e a França sofre uma quebra e o movimento transoceânico volta a ganhar preponderância. Nesta altura,

os destinos dos emigrantes são a América do Norte, nomeadamente os Estados Unidos e o Canadá. E é neste período que, segundo alguns autores (entre os quais Rocha-Trindade e Arroiteia, 1986) se vai alterar a situação sócio - política portuguesa, em plena coincidência com a crise económica das estruturas capitalistas de ocidente a oriente, conduzindo ao surgimento das primeiras hipóteses de inversão dos movimentos emigratórios com um regresso a Portugal. Mas, se este é o contexto para a redução dos fluxos migratórios dos menos qualificados ou para o seu retorno, é também o contexto para a saída dos mais qualificados que continuam a não encontrar condições adequadas de vida e de desenvolvimento profissional em Portugal.

A grande questão que se põe na análise dos fluxos migratórios dos trabalhadores altamente qualificados prende-se com o fato de constituírem um grupo que habitualmente não fica sedado no mesmo espaço. O elevado valor das credenciais que detêm possibilita-lhes e incentiva-os à procura de trabalho e de melhores condições em regiões diferentes ao longo da vida, podendo ser, ou não, movidos pelo interesse em desenvolver o país de origem e voltar.

Até aos anos setenta do século anterior, a gestão da distância física e a enorme disparidade em termos de obtenção de condições legais ajustadas à residência num determinado país, assim como a não valorização das formações obtidas, justificavam (e, no caso português, estando a falar da emigração transatlântica), a caracterização das mobilidades dos trabalhadores qualificados como atos migratórios. A partir do momento em que se abolem fronteiras, se criam espaços específicos de mobilidade, com reconhecimento de graus e, no fundo, se globaliza a economia e a sociedade, grande parte das saídas protagonizadas pelos trabalhadores altamente qualificados, entre os quais estão os engenheiros, os executivos, os investigadores e os artistas, é caracterizada como mobilidade de longa (superior a três anos), média (até 3 anos) ou curta (menos de 3 anos) duração. Concomitantemente, a internacionalização dos mercados de trabalho nestes sectores propicia ainda mais o desvanecimento do termo “migração” – como estadia permanente num país – e o ganho de interesse do termo mobilidade. No fundo, se muitos dos profissionais que se movem o fazem à procura de melhores qualificações e de lugares mais prestigiados condizentes com a formação que obtiveram e na qual se empenharam, outros movem-se, especificamente, dentro das mesmas empresas e organizações que se internacionalizam e criam filiais (Peixoto, 1999).

O termo “mobilidade” está, no entanto, ele próprio, envolto numa imensa polémica que toca as identidades nacionais e à importância da política de ciência e tecnologia, uma vez que acaba por referir-se à saída de profissionais altamente qualificados de um certo país que vão investir a sua força de trabalho e credenciais noutro país ou região. Tal como dissemos, até aos anos noventa esta questão era praticamente não debatida e desconhecida em Portugal, embora fosse já estrutural nas articulações de política científica em grande parte dos outros países europeus, a braços com o problema da saída dos seus cérebros ou para os EUA, ou para outros países mais centrais na Europa. De facto, na década de sessenta iniciou-se um grande debate sobre as causas e os efeitos que a evasão dos quadros altamente qualificados especificamente para o Reino Unido e para os Estados Unidos podia desencadear (Peixoto, 1999:18). Iniciou-se também um grande debate sobre o “desperdício de cérebros”, isto é, sobre o índice de preparação dos países para receber e tratar os trabalhadores altamente qualificados em mobilidade, designadamente no que se refere ao respeito pelas suas qualificações.

## **2.A mobilidade e identidade**

Desde há várias décadas a esta parte que a migração qualificada tem ganho terreno, multiplicando-se diversas formas de mobilidade de profissionais altamente qualificados que se apresentam como capitais extremamente valiosos em vários circuitos das indústrias de ponta mundiais: na ciência; na arte; na engenharia; na economia surgem cada vez mais destacados portugueses, cujos percursos e vida passam, ou pela emigração, ou pela mobilidade de longa duração. Tal como acontece com a emigração não qualificada, esta migração, orientada por profissionais altamente qualificados, contribui para a construção de outra imagem do país, ao mesmo tempo que permitiria aos portugueses outra visão de si próprios no exterior, em geral, mais valorizada e mais prestigiante, do que aquela veiculada pela imagem do trabalhador não qualificado.

O papel das mobilidades qualificadas na construção identitária de um país e de um povo é, todavia, muito contraditória e hoje cada vez mais polémica, o que se justifica por um lado pela elevada rapidez com que circulam a informação e as narrativas individuais e colectivas através das redes sociais e dos dispositivos electrónicos de comunicação, e, por outro, pela própria delicada fronteira que se estabelece na imagem de si no exterior, ora como intensamente valorizadora do esforço individual e dos capitais de aprendizagem no país, ora como desprestígio, vergonha e subserviência que anunciam um movimento de saída de profissionais qualificados para o exterior.

Os EUA foram, ao longo do tempo, o destino preferido dos quadros superiores (Peixoto, 1999:20), sendo perspectivado como o espaço de excelência, atraindo, não somente quadros altamente qualificados europeus, mas, igualmente, canadianos e também imensos contingentes provindos de países em desenvolvimento (Araújo e Silva, 2009). Em várias situações de análise de fluxos, os autores consideraram haver “fuga de cérebros”, sendo veiculado que, assim, os países subdesenvolvidos perdiam para os desenvolvidos os seus recursos humanos mais qualificados. Para reforçar esta tese, mencionemos que ainda hoje, os autores japoneses se debatem com a questão da centralidade de alguns pólos de desenvolvimento técnico científico e a fuga dos seus melhores qualificados (Oishi, 2012).

Não se trata, todavia, de uma preocupação apenas académica, mas, fundamentalmente, política e social, uma vez que as migrações e as mobilidades, ao configurarem saídas de um país, enunciam a fragilidade deste em prover mecanismos e condições para a fixação das suas populações, com efeitos sobre eixos estruturais da sociedade, como a economia e sustentabilidade dos sistemas de protecção social e a demografia.

De fato, a questão do “impacto” da mobilidade dos quadros altamente qualificados sobre os países de origem desencadeou um debate persistente em relação aos seus “ganhos” e “perdas” (Peixoto, 1999) económicas, culturais e sociais, uma vez que a movimentação de pessoas não corresponde apenas à deslocação de capitais e de conhecimentos comercializáveis e de riqueza, em geral. Implica também a movimentação de costumes, valores e modos de vida, envolvendo alterações ao nível legal relativas às condições para o exercício da cidadania (Salt, 2011). Desencadeou ainda um debate, por vezes camuflado, sobre as identidades nacionais, designadamente no que se refere ao modo como uma população sujeita a grandes vagas de fuga dos seus quadros qualificados devido à sua fraca capacidade de atracção, se percebe e conceptualiza a si própria quando se consciencializa de que muito do reconhecimento

internacional de outros países para onde emigraram e se moveram os seus conterrâneos se deve ao trabalho, esforço e empenho destes.

Para o caso da literatura produzida em Portugal, observa-se uma certa tendência para a ênfase da perda de poder explicativo das teses sobre a fuga de cérebros e um certo ganho de terreno das teses que enfatizam a circulação do conhecimento para explicitar como as redes de diáspora migrações e mobilidades dos altamente qualificados potenciam a imagem do país e contribuem para o reforço das economias internas e para a recuperação do “orgulho nacional”. Na linha de outros autores, Delicado (2008) debruça-se sobre a mobilidade dos investigadores e cientistas e afirma não se poder falar em “fuga de cérebros”, pois a mobilidade pressupõe, por norma, a manutenção de ligações produtivas com instituições do país de origem. É certo que os fenómenos da globalização e da internacionalização das economias (Peixoto, 1999, Saxenian, 2005) são necessariamente chamados ao debate sobre explicações dos êxodos, mobilidades e migrações. No entendimento de Peixoto, em Portugal, “a fuga de cérebros” implica atender a fenómenos mais estruturais e organizacionais relacionados com as mudanças ao nível da globalização das economias, pois a mobilidade dos quadros altamente qualificados insere-se na realidade das “empresas transnacionais”. Quer dizer, a internacionalização da economia conduz naturalmente à deslocação de quadros portugueses, transferidos para cargos cimeiros nas suas filiais (Peixoto, 1999:229 e ss), o que configura um ganho aparentemente evidente para Portugal.

Todavia, é também certo que as saídas de profissionais altamente qualificados, depois reconhecidos noutros países onde recebem o prestígio não assegurado em Portugal (um fenómeno que atravessa o campo científico e tecnológico, empresarial, artístico), conduz a imensos questionamentos sobre as identidades nacionais, tanto em relação ao modo como esse reconhecimento é interiorizado como uma extensão positiva da imagem nacional (algo reflectido na forma como os media valorizam o trabalho de cientistas portugueses radicados ou em mobilidade em comunidades científicas internacionais altamente prestigiadas), ou como algo negativo a essa mesma identidade (reflectido também na forma como os media debate a questão de saber se e por que razão esses profissionais não ficam em Portugal e atraem para o país mais reconhecimento internacional).

O olhar ainda prevalecente sobre a imagem do português no exterior e sobre a forma como o próprio português se olha nesse exterior está ainda muito marcado por esta diáspora da pobreza e da falta de condições de vida no país de origem que empurra os seus habitantes na procura de melhores condições de vida noutros países onde, por sinal, acabam por ocupar lugares mais baixos nas hierarquias sociais. A persistência deste olhar, no fundo ainda responsável pelo próprio autoconceito de Portugal e dos portugueses face aos outros países e ao mundo é, em parte, responsável pelo investimento político e mediático realizado ao longo dos anos, em especial a partir dos anos noventa, no sentido de se mostrar o outro lado dos portugueses no mundo, sobretudo dos portugueses de sucesso.

Se atendermos à história de Portugal e as sucessivas investidas políticas no sentido da sua aproximação ao mundo, à Europa e ao continente Americano, assim como aos indicadores assustadoramente altos de desemprego qualificado, fica evidente que a própria teorização dos fluxos de mobilidade (como circulação de cérebros e não como fuga de cérebros), assim como a sua concetualização como inevitável no mundo informacional e no espaço de fluxos em que vivemos, agradem ao toque dos cosmopolitismo e da internacionalização dos mercados de trabalho que marca os

discursos políticos e mediáticos neo-liberais, com influencia sobre a própria mobilização real das populações no sentido da mobilidade e da emigração.

Assim, justamente por ser uma questão política e social, a mobilidade de profissionais altamente qualificados oferece-se a ser um objecto privilegiado de esgrima política e ideológica, estando em cima da mesa, por norma, dois tipos de argumento que têm fundamento nas teses e nos estudos sobre o fenómeno: a mobilidade de profissionais altamente qualificados tanto pode sugerir uma análise e uma crítica de tipo estrutural e ideologicamente mais situada à esquerda; como potenciar a valorização de argumentos de carácter mais individualista e liberal, que enfatizam as vantagens da mobilidade e a sua importância para o reforço da imagem internacionalizada de Portugal.

### **3.Os media e a mobilidade na intersecção da identidade e da política**

A emigração e os emigrantes constituem temáticas absolutamente presentes nos media., mas muito pouco estudados e sujeitos a análises críticas de discurso. A maior parte dos estudos existentes incide sobre os contextos de integração e discriminação dos emigrantes, particularmente os menos qualificados (Carvalho, 2007; Cádima e Figueiredo, 2003). Não se identificam estudos sobre os emigrantes qualificados e a forma como os media nacionais (dos países de origem ou de acolhimento) os mostram e a eles se reportam. Numa das raras investigações sobre Portugal, Ferin e Santos investigam durante três anos (2005 a 2007) as representações dos imigrantes na imprensa e na televisão, tendo constado que o crime e outras problemáticas sociais, como a prostituição e a violência se destacam nas notícias apresentadas associadas a emigrantes (Ferin, 2003; Ferin e Santos, 2006; 2008).

Segundo Foucault, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, seleccionada, organizada e redistributiva por um certo numero de procedimentos que têm por função esconjuram os seus poderes e perigos”(Foucault, 1997: 9). É certo que o discurso mediático não tem o “direito de dizer tudo” (Foucault,1997:10) e ao mesmo está inerente o código deontológico da neutralidade. No entanto, este princípio não impede que o discurso mediático se insira em determinada ideologia ou visão configurada ou não em relação aos seus grupos de interesse. Por outro, lado o discurso mediático pode ser orientado para o que o público-alvo quer saber ou até acreditar (Dijk,1998). Os discursos mediáticos sobre os emigrantes qualificados, quase sempre escolhidos entre os milhares de trabalhadores móveis e de emigrantes portugueses, situam-se numa estrutura simultaneamente auto (des)valorizadora.

#### *3.1. A mobilidade nos média*

Os média portugueses, especialmente a partir de 2007 expressam primeiramente preocupação com os emigrantes e os seus mecanismos de integração, incluindo os qualificados, sendo observável algum destaque conferido à forma como Portugal recebe os emigrantes qualificados de países com problemas económicos e sociais, sobretudo Ucrânia e Polónia. A preocupação com os profissionais qualificados é mais recente e começa por incluir maioritariamente investigadores e cientistas que se destacam em projetos e no registo de patentes internacionais. Abarca ainda reflexões sobre a procura de universidades estrangeiras, sobretudo norte-americanas e a influência destas estadias

nos percursos profissionais de grupos seleccionados de indivíduos. Não demonstra, no entanto, uma preocupação com a análise investigativa do fenómeno que aparece poucas vezes mencionado ou aparece tratado de forma superficial.

Exemplo deste tipo de incursões é o programa “portugueses no mundo” que destaca algumas histórias pessoais através das quais se revela uma cidade ou um país surgindo enfatizada, na maioria dos casos, as oportunidades que essa região representa em termos de melhorias da qualidade de vida. Em todos os programas surgem histórias de portugueses que vingaram no país de receção e que valorizam enormemente esse contexto. Num dos quadro programas analisados, o interlocutor escolhido afirma que:

“Tinha este sonho de vingar em Nova Iorque. Primeiro que é a capital do mundo e, depois, porque a nível de trabalho se o conseguires fazer aqui, consegues fazer em todo lugar.” (Catarina Perestrelo, empresária, no 5º episódio do programa “Portugueses pelo Mundo” transmitido pela RTP no dia 17 de Julho 2010)

Noutro programa, é escolhido um realizador que afirma:

“Vem toda a gente de toda a parte do mundo tentar a sua sorte no meio artístico (...) Porque não vir a Los Angeles e ver a estreia dum filme?” (Renato Lucas, realizador, no 16º episódio do programa “Portugueses pelo Mundo” transmitido pela RTP no dia 29 de Janeiro 2010).

Há ainda um programa em que o interlocutor, um professor na UCLA, não só afirma que vive um “privilégio”, como avança algo sobre a impossibilidade de ter as mesmas condições de trabalho e de vida em Portugal:

“Em Portugal seria muito difícil porque o nível de investimento necessário é elevadíssimo (...) e não o número de clientes que estão dispostos a comprar estas tecnologias” (Paulo tabuada, professor Universitário, no 16º episódio do programa “Portugueses pelo Mundo” transmitido pela RTP no dia 29 de Janeiro 2010).

O mesmo interlocutor concretiza a ideia de que apesar de estar noutro país, vive a experiência permanente de ser português, através dos laços de sociabilidade com outros colegas que estão ali também em mobilidade: os “tugalas”.

Indo um pouco mais detalhadamente, observa-se que o discurso mediático aparece balizado pela polaridade discursiva e justificativa (ao mesmo tempo legitimadora) que se enuncia no discurso político, tal como dissemos antes, alicerçado entre o pólo estrutural liberal incentivador da saída de portugueses e da entrada de estrangeiros e a sua crítica. Uma estrutura discursiva que têm a sua correspondência nas teses da fuga de cérebros e nas teses da circulação do conhecimento.

O contexto temporal que observamos está marcado por um crescendo de interesse mediático e social pela questão da migração e da mobilidade, uma vez que estas surgem como alternativa á crise económica estrutural que vivemos, juntando-se no contingente dos trabalhadores móveis, motivações distintas, tais como a ausência de emprego em Portugal e a falta de perspectivas de promoção profissional, ou a busca de ambientes culturalmente distintos (Araújo, 2007; 2008). Portanto, facilmente os números podem ser usados, ora para justificar a incapacidade governativa, reposicionando-se o debate ao nível da “fuga de cérebros”, ora para legitimar os

processos e globalização do conhecimento e circulação de pessoas, remetendo o mesmo debate para a “circulação do conhecimento”. Nessa perspectiva, o próprio discurso mediático pode ser entendido na dupla vertente: como crítica á política governativa, ou como braço desta política, podendo surgir como veículo incentivador da saída e da sua legitimação. A situação é, por isso, delicada para os jornalistas e para a construção da mensagem mediática, porque é altamente modeladora dos comportamentos e das representações individuais, podendo ser, eventualmente conformadora.

Os conteúdos do *Jornal de Notícias* e da *Visão* estão maioritariamente relacionados com “eventos”, designados como acontecimentos ocorridos que justificam a sua enunciação ao público. Observa-se haver estruturalmente, uma crítica negativa às saídas de profissionais altamente qualificados. Mesmo que estejam em causa declarações e afirmações de políticos ou outros actores que beneficiem a existência da mobilidade, também elas são situadas em contextos noticiosos em que a mensagem final denuncia a responsabilização da política e dos políticos pela mobilidade.

Alguns dos exemplos mais relevantes dessa exposição aparecem relacionados com entrevistas e declarações de órgãos do governo ou de políticos:

"Espero bem que não. Espero que nós sejamos capazes de criar oportunidades para que os jovens, muitos deles com elevadas qualificações, encontrem oportunidades de realização no nosso país" (Cavaco Silva, 24 de Fevereiro de 2012, *in* *Jornal de Notícias*)

Uma análise aos conteúdos do *Jornal de Notícias* e da *Visão* no ano de 2011 dá conta da prevalência de uma orientação negativista em relação à migração e à mobilidade dos profissionais altamente qualificados.

As notícias são, na sua maioria, politicamente dirigidas, destacando-se pela crítica frente a problemáticas estruturais, como o desemprego.

Porque estão concentradas sobre a crítica à política, os conteúdos acentuam a vertente do esforço e da aventura individual dos profissionais que se movem para outro país, destacando o interesse e o trabalho individuais:

“Têm um espírito de luta e usam uma marcha a mais. Não existem vitórias fáceis. Cada um com a sua estratégia procura a sua vitória.” (26 de Fevereiro de 2011 - *Visão*)





Uma valorização que é acompanhada de o reconhecimento das credenciais obtidas em Portugal.

Em suma, a representação veiculada sobre a mobilidade de quadros altamente qualificados versa quase exclusivamente sobre uma destas vertentes: por um lado, a valorização do esforço individual e a capacidade de cada indivíduo, através do trabalho e da valorização e reconhecimento deste, transportar a identidade sobre o que de melhor há em Portugal, mas, por outro, a crítica acentuada aos políticos por serem responsáveis pela saída de profissionais que se perspectivam e conceptualizam como essenciais para o futuro de Portugal. Destaca-se ainda, a expressão do modo como os estes profissionais, uma vez noutro país, ainda que preservando alguma valorização do país de origem, valorizam a supremacia da escolha pela mobilidade, face à eventualidade de ter ficado em Portugal.

Podemos assim, afirmar que a disposição do discurso mediático, aqui não completamente explorada, apresenta duas tipologias relevantes:

- Incentivando a mobilidade, ao fixar parâmetros espaço-temporais para a melhor qualidade de vida e melhor realização profissional e pessoal, sustentando as vantagens culturais e económicas da diáspora portuguesa pelo mundo;
- Criticando a mobilidade, apresentando-a como alternativa individual à falha de mecanismos e de intervenções governativas e estruturais.



## Conclusão

Apesar do carácter exploratório do estudo, pode afirmar-se não ser observável que os média cheguem a revelar conteúdos que discutam a identidade dos portugueses no mundo, pois a mensagem veiculada incide principalmente sobre vantagens e sobretudo as desvantagens destas formas de mobilidade para o país, numa implicada estruturação política do discurso, ou sobre a descrição dos espaços e das organizações de recepção dos portugueses, mais do que nos seus modos de vida, aspirações e expetativas em relação ao país onde estão e em relação a Portugal.

## Bibliografia

Araújo, Emília (2007). Why Portuguese Students Go Abroad to Do Their PhDs, *Higher Education in Europe*, 32,4, 387- 397.

Araújo, Emília (2009). With a rope around their necks: grant researchers living in a suspended time, *New Technology, Work and Employment*, 11,3, 230-242.

Araújo, Emília e Silva, Sílvia (2011) “A última fronteira: EUA: contributos para a compreensão do papel da mobilidade nas carreiras de investigação”, in Albornoz, Mario y Praza, Luis (eds.) “Agenda 2011. Temas de indicadores de Ciencia y Tecnologia”, Red Ibero-americana de Indicadores de Ciencia y Teconologia, Buenos Aires, Argentina, 445-460.

Branco, Carina (2006), "Licenciados são nova geração de emigrantes" in *GMT*, 21 de Julho, Disponível [online] em:

[http://jpn.icicom.up.pt/2006/07/21/licenciados\\_sao\\_nova\\_geracao\\_de\\_emigrantes.html](http://jpn.icicom.up.pt/2006/07/21/licenciados_sao_nova_geracao_de_emigrantes.html)  
(página consultada a 11 de Julho de 2012).

Brettell, Caroline. e Sargent, Carolyn (2006), ‘Migration, Identity, and Citizenship: Anthropological Perspectives’, *American Behavioral Scientist*, 50,1:3–8.

Cádima, F. R e Figueiredo, A. (2003), “Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa”, Lisboa: ACIME:  
<http://www.oi.acime.gov.pt/docs/pdf/Estudo%20Obercom.pdf>.

Carvalho, M. (2007), “A construção da imagem dos emigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa”, ISCTE (Tese de Mestrado);

Castells, Manuel (2002), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I, A Sociedade em Rede, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

Delicado, Ana (2008), “Cientistas portugueses no estrangeiro: Factores de mobilidade e relações de diáspora in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, 109-129.

Dijk, T. Van (1998), *Ideology. A Multidisciplinary Approach*. London: Sage Publications Ltd.

Ferin, Isabel Cunha e Santos, C. A.; Silveirinha, M. J.; Peixoto, A. T. (2004), “Media, Imigração e Minorias Étnicas”, Lisboa: ACIME;

Ferin, Isabel Cunha (2009), “Migrações, media e nostalgia”, *Eco-Pós*, 12, 1, 135-156.

Ferin, Isabel Cunha e Santos, C. A. (2006), “Media, Imigração e Minorias Étnicas II”, Lisboa: ACIME.

Ferin, Isabel Cunha (2003), “Imagens da Imigração em Portugal”, *Revista Media e Jornalismo*, 2, 71-88.

Foucault, Michel (1997), *A Ordem do Discurso*. Lisboa: Relógio de Água Editores.

Gonçalves, Albertino, Machado (2007), *A emigração Portuguesa para França na Segunda Metade do Sec. XX*. Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Melgaço, 6,. 63- 85.

Oishi, Nana (2012), “The Limits of Immigration Policies: The Challenges of Highly Skilled Migration in Japan”, *American Behavioral Scientist*, 56,8,1080-1100.

Peixoto, João (1999), *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Peixoto, João, (2007), “Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal”, *Análise Social*, 183, 445-469. Disponível [online] em: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732007000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732007000200004&lng=pt&nrm=iso) (página consultada a 11 de Julho de 2012).

Pires, Rui Pena (s.d.), “Temos um défice de imigrantes em Portugal”, *Entrevista*. Disponível [online] em: [http://www.gulbenkian.pt/media/files/fundacao/programas/PG%20Desenvolvimento%20Humano/pdf/NL117\\_EntrevistaPena\\_Pires.pdf](http://www.gulbenkian.pt/media/files/fundacao/programas/PG%20Desenvolvimento%20Humano/pdf/NL117_EntrevistaPena_Pires.pdf) (página consultada a 11 de Julho de 2012).

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1982), *Sensibilização comunitária numa Óptica de Interculturalismo em Meio de Forte Emigração*. Separata Nação e Defesa do instituto da defesa Nacional, 26,. 3-18.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz, Arroiteia, Jorge (1986), *A Emigração*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários: Cadernos do Céu n.º 1/86 do Gabinete de Estudos Jurídico Sociais.

S. A (2012) “Zona de conforto”, 28 de Junho, Disponível [online] em [http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=2634579](http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2634579), (página consultada a 12 de Julho de 2012)

S.A ( 2012) “Todos os dias 10 enfermeiros pedem autorização para emigrar”, 13 de Julho, Disponível [online] em [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/interior.aspx?content\\_id=2664172](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/interior.aspx?content_id=2664172) (página consultada a 14 de Julho de 2012)

S.A (2011), “Rangel sugere agência para ajudar portugueses que queiram emigrar”, in *Jornal de Notícias*, 21 de Dezembro, Disponível [online] em [http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=2198347](http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2198347) (página consultada a 12 de Julho de 2012)

S.A. (2012) “Presidente "um pouco surpreendido" com previsões do desemprego”” in *Jornal de Notícias*, 24 de Fevereiro, Disponível [online] em: [http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=2324791&page=-1](http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2324791&page=-1) (página consultada a 12 de Julho de 2012)

Salt, John (2011), *International Migration and the United Kingdom: Report of the United Kingdom Sopemi correspondent to the OECD*. London: Migration Research Unit - University College London.

Saxenian, A.L. (2005), “From Brain Drain to Brain Circulation: Transnational Communities and Regional Upgrading in India and China, Comparative International Development”, *Studies in Comparative International Development*. Providence: Watson Institute.